

Lisboa, 2006



*17 de junho*

Inês,

sei quanto vai achar isto absurdo. Quanto se vai rir de mim. Até do facto de a tratar por você. Não a conheço, não. Mas vi-a ontem no Largo Camões. Estava com a Madalena e a Sophie. Se eu lhe disser que estou apaixonado por si, tenho receio de que tudo desapareça, mesmo os meus sentimentos, e aquela visão que tive. A sua espontaneidade. A sua leveza. O seu sorriso. Não penso senão nisso. Acha-me patético? Quando nos poderemos rever?

*18 de junho*

Inês, esta é a segunda carta que lhe escrevo. Será que lha enviarei? Prometo guardá-las todas, todas. Hoje pensei em si todo o dia. Todo o dia. Apanhei a estrada até Évora. Estrada, que palavra pouco epistolar. *Fui* até Évora a pensar em si. E, lá, não fiz senão revê-la, em sonho ou desperto, revê-la, em todo o lado. Não foi a primeira vez, ontem, que a vi. Foi a terceira. Mas não sei sequer se me reconhecerá se me vir na rua, se se dirá: «Eu já o vi, mas onde?» Onde?

*19 de junho*

Tenho a paixão do papel. Não se ria de mim. A paixão do papel e da caneta; da velha caneta que imagino nas mãos de Goethe ou de um poeta romântico inglês, no campo inglês, deitado debaixo de uma árvore. Eu sou como eles, à minha maneira, a de um lisboeta nascido em 1989. Quer saber de mim? Os meus pais já não vivem juntos há muitos anos, não sei sequer se alguma vez viveram juntos, mas quem sabe onde acaba e começa a fantasia? Nunca os vi juntos. Nunca tive uma só casa. Nunca uma só vista do meu quarto. Tenho uma irmã que vive em Londres e com quem falo de vez em quando. Ela está casada. Não voltará. E tenho alguns amigos, sim, e cada um de nós tem muitos conhecimentos, muitas motas, e tantas feras neles, e muitas noites acordadas em cima dos nossos olhos, que parece nunca se cansam de acordar para mais uma noite, nem para mais um dia. Não acha que Lisboa parece uma cidade onde se vive de férias? Não acha o mar tão próximo? Tenho receio de lhe falar demais.

*20 de junho*

Inês, como gosto de dizer o seu nome. Inês. Estas quatro letras têm tudo aquilo com que posso sonhar. Acha que sonho demais? Acha que não faço nada da minha vida senão escrever cartas que não envio, a uma destinatária que nem sequer me conhece? Ontem sentei-me tão perto de si. Naquele café com uma vista linda, em Santa Catarina. Estava mesmo ao pé de si. Estava com o António, na mesa ao lado da sua. Imagine o que foi para mim entrar e vê-la ali, com as suas amigas, inseparáveis. Estava linda, Inês, linda. Sabe como gosto do seu cabelo? Que bom poder dizer tudo aquilo que quero e escrever como outrora. Que importa. Imagine o que foi para mim entrar e vê-la. Eu fui lá pois não sabia o que fazer. O António tinha-me telefonado e tinha-me dito: «Pedro, onde estás? Anda ter comigo. Passa cá em casa.» E eu fui; descí os degraus de casa, leve e ausente; ia ter com o António, mas sem deixar de estar consigo; peguei na mota, estava tanto calor, peguei na mota e fui. Passámos uma hora no terraço dele, a falar de tudo aquilo de que se fala, não é, e depois resolvemos sair. «Uma Imperial»; e ali a vi.

*21 de junho*

Quando a vi ontem pensei: «*Não vou aguentar.*» Depois pensei: «*Vou contar ao António.*» Depois não pensei senão em ouvir o que dizia. Não sei de que me falou o António. Sei que a certa altura falou da sua mesa, das suas amigas, mas não sei o que disse. Ah, sim, disse que a Sophie saía com o Jaime, acho que foi isso que ele disse. E depois não disse mais nada, e eu também não, absorvo em si, Inês, ouvindo o seu riso, a sua gargalhada límpida, os seus sussurros. E depois, vi-a partir.